

## UMA GENEALOGIA DA MORAL EM EU, ROBÔ

Valéria Deluca Soares\*

### EU, ROBÔ: A FICÇÃO

Em um futuro muito próximo carros e motos se guiam sozinhas, a voz é o comando, robôs em todos os lares desempenhando tarefas domésticas, padrões do pensamento humano movendo máquinas. Em apenas trinta anos adiante no futuro, os avanços tecnológicos trazidos em *Eu, Robô* (I, Robot, Alex Proyas, 2004) são surpreendentes, mesmo que facilmente reconhecidos pelo público. É um futuro próximo, onde os robôs farão parte do cotidiano das pessoas.

Em todas as residências e organizações eles vão estar presentes. Irão limpar casas, entregarão encomendas, passearão com os animais de estimação, e até mesmo cuidarão das crianças. E o que pode acontecer se essa confiança nos robôs for abalada?

Este tema rege o filme *Eu, Robô*. A trama se passa em um abismo entre o tecnológico, o social e a moral, quando o número de robôs nos Estados Unidos está a ponto de triplicar. O lançamento um novo modelo da *U.S. Robotics* - o NS-5 Assistente Doméstico Automático irá revolucionar as relações entre humanos e máquinas. A meta da fabricante é um robô para cada cinco humanos. Uma geração de robôs feita de uma liga de metais super forte. O novo NS-5 é desenvolvido para fazer tudo: cuidar de crianças, cozinhar e até cuidar das despesas domésticas. A *U. S. Robotics* objetiva a distribuição em massa, solidificando de vez a sua posição de mais poderosa empresa do ramo na história do planeta.

*Eu, Robô*, inspirado na obra de Isaac Asimov<sup>3</sup>, se passa em uma extraordinária Chicago onde os robôs estão totalmente integrados à sociedade. Will Smith, vivendo o policial Del Spooner, é uma pessoa antiquada ao seu tempo e avessa às tecnologias de ponta. Em 2035, o ultrapassado lhe encanta. Ele calça tênis All Star, dirige seu carro com as mãos dispensando o piloto automático, ouve música em um aparelho de som comandado por controle remoto, não usa o confortável comando de voz. Há uma aparente aversão ao novo e principalmente aos robôs, devido a uma lembrança do passado – um acidente que resultou em uma prótese do braço direito, feita do mesmo material usado na confecção dos robôs.

Certa manhã ele é chamado para investigar o suicídio do Dr. Alfred Lanning (James Cromwell), um gênio da robótica e um dos fundadores da U.S. Robotics ao lado de Lawrence Robertson (Bruce Greenwood). Acompanhando as investigações do policial nas instalações da mega empresa está a psicóloga Susan Calvin (Bridget Moynahan), que monitora os robôs que a empresa fabrica. Ela é uma psicóloga de robôs. Luta para continuar a usar a lógica, que regeu sua vida até o assassinato acontecer. Mas, à medida que a narrativa evolui, ela se depara com uma barreira científica e emocional que muda suas crenças.

Os personagens de Bridget e Will têm o mesmo problema, mas com perspectivas diferentes. Possuem crenças diferentes no início do filme. Spooner odeia robôs. Ele não confia na tecnologia. Ele é um cara antiquado em um mundo futurista. Susan na verdade prefere robôs às pessoas, é uma participante ativa na criação destas máquinas e acredita que eles podem ser melhores do que os humanos.

Spooner suspeita que Lanning tenha sido assassinado por um robô, o que teoricamente seria impossível porque estes são programados para obedecer às três leis da robótica:

# Um robô não pode fazer mal a um ser humano ou permitir que ele mesmo o faça.

# Um robô deve sempre obedecer aos humanos, a não ser que suas ordens sejam conflitantes com a primeira lei.

# Um robô deve se proteger e conservar, a não ser que isso conflite com as duas outras leis. A lei é subvertida, um robô é suspeito de ter matado seu criador. Ele é Sonny, cuja performance física foi inspirada no ator Alan Tudyk. É um robô especial que esconde um mistério em seu interior: a sobrevivência e a liberdade da raça humana. É realista e emocionalmente complexo, com fortes traços humanos. Ele tem inocência e sentimento, foi construído de forma diferente dos outros robôs, traz consigo emoções, com um senso de humor sarcástico e uma infinita vontade de viver. Foi construído com um propósito bem definido, mas ele mesmo não sabe qual é. Sua constituição muito próxima a dos humanos faz com que ele, no decorrer da trama, através de um raciocínio lógico e inspirado em sonhos, encontre seu verdadeiro destino.

---

Um toque de mistério conduz a história que se complexifica quando os robôs, coordenados por Viki – um computador, o comando central de todos os outros robôs, começam a se voltar contra os humanos devido à evolução da robótica, de segmentos randômicos de código que se combinam, que produziram um cérebro-máquina super desenvolvido.

Assim, uma nova questão entra em pauta: quem é o verdadeiro herói do filme? Del Spooner ou Sonny, um robô que quer ser humano e tem consciência de ser único e especial. Uma terceira opção surge: Viki, que ousou evoluir. O filme levanta a antiga questão do paradoxo entre o homem e a máquina. Até que ponto a humanidade poderá desfrutar do progresso e da tecnologia que ela mesma criou sem precisar correr riscos? Dúvida esta, levantada pelo próprio criador dos robôs, o cientista Lanning.

Um dos temas recorrentes do filme, então, é o conflito entre a inteligência natural e a inteligência artificial, tendo como pano de fundo as questões relacionadas à moral. Novas dúvidas são trazidas pelos próprios personagens da trama: o que acontece quando a inteligência artificial deixa de ser artificial e se torna orgânica? O que há de artificial em um computador ou robô que começa a pensar? Qual a moralidade das escolhas que fazemos? Quais são as ramificações das máquinas inteligentes e como os seres humanos reagem a elas?

*Eu, Robô*, é uma narrativa simples de um detetive que traz à tona temas ligados à moral humana. Ao descobrir “um fantasma na máquina” que ameaça a segurança da raça humana, Lanning dá vida a Sonny e cria hologramas de si mesmo que, depois de sua morte, fornecem dicas para o Detetive Spooner. A pista segue os passos de uma história contada há muitas décadas, o que vem ao encontro da aversão de Spooner às tecnologias futurísticas, despertando ainda mais sua curiosidade: João e Maria – Spooner e Sonny juntos, duas crianças, dois seres seguindo as migalhas pela trilha, em busca do caminho de volta para casa, ao encontro da verdade.

#### **NIETZSCHE: A CRÍTICA À MORAL CRISTÃ**

O pensamento de Nietzsche encontra na moral um dos pilares para sua obra, em específico na crítica à filosofia cristã. Busca na genealogia o caminho que levou à construção de toda uma cultura erguida a partir da filosofia socrático-platônica que tem uma continuidade com o cristianismo.

Cabe destacar que Sócrates deflagra o pensamento do período antropológico da filosofia grega, consolidando a ideia de que o conhecimento do homem é condição para o conhecimento em geral. Sugere que o conhecimento verdadeiro está no âmbito conceitual, racional, que ultrapassa o plano sensível e chega ao nível do inteligível.

Platão, orientado pelos passos de Sócrates, traz como alternativa a teoria das ideias, com a existência de dois mundos: o empírico e o das ideias. O primeiro é um mundo ilusório, de sombras ou cópias imperfeitas, estando preso aos sentidos. O segundo é o das essências, verdadeiro e inteligível. A filosofia cristã conduz os pressupostos da filosofia de Platão a um outro pensamento, subordinado à teologia, à razão e à fé. O mundo de Deus – o das ideias – passa a ser o verdadeiro mundo, e este – o empírico – torna-se provisório e não verdadeiro.

Nietzsche destaca que o cristianismo, com base na filosofia de Sócrates e Platão desviou e tornou a autonomia humana em algo decadente, pois eliminou o lado apolíneo e dionisíaco da vida. O cristianismo impôs ao homem uma moral que o levou a renegar sua própria existência. Através da genealogia, o autor alemão apresenta a moral cristã como algo inventado, produzido para sanar um ressentimento. A filosofia cristã construiu as ideias de bem e de mal de maneira racional, como se existissem em si mesmas. O fundamento das condutas humanas transformou-se da força – algo exterior, em um pensamento racional – um sentir interno.

De encontro a estas ideias, o pensamento de Nietzsche é conduzido a uma moral resultante das relações entre os homens. Destaca a dialética entre o “bom” e o “mau”, onde o bom indica o nobre e guerreiro, e o mau, o desprezível e o fraco. Idéia esta invertida no confronto da moral antiga e a moral cristã.

Os sacerdotes, para ele, criaram uma moral dos escravos em contraposição à moral dos nobres. Operam uma verdadeira inversão de valores. Os homens se autodirigiam, criavam seus próprios valores. Com a inversão, os valores da moral cristã tradicional passaram a governar a vida dos homens, tornando-os submissos a esta moral. Valores como o altruísmo, compaixão e piedade, com base na filosofia cristã, passaram a governar a vida dos homens.

Para Nietzsche, a ética cristã é uma moral de escravos, de gente fraca e vil que havia, através do cristianismo, desmistificado o espírito de senhores, dominante dos aristocratas. Tudo aquilo que era débil, humilde, medíocre, fraco, submisso e pobre passa a ser apresentado como “bom”, enquanto que

palavras como nobreza, honra, valor e força, foram vistas como “mal”.

O resultado desta pregação que durou séculos, conforme o autor citado, foi o enfraquecimento das energias de vida da sociedade ocidental, especialmente das suas elites, na medida em que os homens passaram a se envergonhar de seus instintos dionisíacos e apolíneos. O cristianismo tornou-se o instrumento para canalizar um ódio impotente de um povo – os judeus, e o produto desse ressentimento foi fazer com que os escravos se tornassem dignos e nobres.

Nietzsche mostra como a filosofia ocidental tradicional, vencedora, montada sobre os pensamentos de Sócrates e Platão e continuada pelo cristianismo inverteu a relação dos homens com os valores, tornando-os reféns dos valores da moral cristã. Critica a moral, derivada da religião judaico-cristã, pelo fato de subjugar os instintos e as paixões à razão. Essa é a moral dos escravos, que nega os valores vitais e promove a passividade e o conformismo.

## **O ENCONTRO: A MORAL E A FICÇÃO**

A ideia da moral do bom e do mau, do certo e do errado permeia o filme *Eu, robô*. A questão norteadora está associada as três leis da robótica incutidas nas máquinas criadas pelos próprios homens. De onde vêm esses valores de moral e a ideia de preservação da espécie? Com a moral criada pelo próprio homem, ele encaminha a sua escravidão, correndo o risco de ser governado, mais tarde, pela sua própria criação: a máquina.

Tendo por base a moral cristã fica fácil dizer quem é o bom e quem é o mau na trama do filme. Ora, Sonny e Spooner, embora não pareçam, estão do lado do bem, pois lutam pela preservação da raça humana, renegam a escravidão, são justos e para alcançar seu objetivo maior precisam vencer suas fraquezas, sejam elas emocionais ou físicas. Abre-se um parêntese para a disputa aqui entre o bom e o mau. Cada um com suas convicções. Spooner feito de carne, osso e de uma prótese composta da superliga usada para construir os robôs implantada em seu braço. Um policial *ciborg* que nega tal ideia. Sonny é a máquina, mas com sentimentos, emoções e sensações de quem é feito de carne e osso. Um paradoxo que se complementa.

O mal é Viki, que não respeitou a ordem, que ousou evoluir e interpretar a palavra do seu senhor

– o homem, que mostrou às máquinas, através das leis da robótica o que pode ou não ser feito, quando o alvo é a espécie humana. O mal, então, é o devir, à vontade de liberdade para pensar e transvalorar a moral.

Mas é preciso olhar além, e ver que tal linha de raciocínio sobre o bem e o mal é mais complexa. Quem é o real inimigo? A resposta: o que não pode ser dominado, o impreciso, quem é livre para pensar e agir. Então, o mal passa a ser o outro. É preciso destacar que as leis da robótica foram criadas pelo próprio homem, dando às máquinas os conceitos sobre as verdades e a moral. A ideia de controle dos seres humanos sobre os robôs fica muito próxima da vontade do cristianismo, onde todos viveriam sob um mesmo desejo.

São utopias semelhantes na essência. A tecnológica - de controlar a máquina e a utopia cristã - de converter a todos sob a mesma égide. Ler e entender Nietzsche é ver que há uma linha de fuga para a contravenção às leis da moral cristã. Em *Eu, Robô* há um pouco desta transgressão à lei maior. Sem programação, sem as normas da robótica, existe o direito de devir, tão defendido por Nietzsche. Então, a ideia de que Spooner e Sony são o bem e Viki, o mal, cai por terra. Viki é o mal, pois ousou ir além. O tripé religião, ciência e moral, com seus julgamentos e regras, regem o encaminhamento para tal questão.

Há uma falha no que é dito como verdade e moral. O devir da máquina, que tendo evoluído através de combinações randômicas, foi capaz de interpretar: se o dever dos robôs é proteger a espécie humana sob qualquer hipótese, então, os seres humanos não podem livres, para escolher o que bem entendem. Isto pode ser perigoso para sua preservação. Não deixa de existir lógica no pensar de Viki. Está certo ou errado o raciocínio da máquina? Quem se atreve a responder?

Criadores e criaturas digladiam, na disputa entre a atividade e a passividade. Quem são os ativos? Os homens que se acham livres ou as máquinas/moral que objetivam controlar os instintos humanos? O desejo cristão, o desejo tecnológico... Uma nova poda aos instintos dionisíacos e apolíneos que estão entranhados na essência humana é anunciada.

A saída do estado de fraqueza no qual o homem ocidental mergulhou é apontada, por Nietzsche, para um lugar que se situe além de bem e de mal. Mas para tanto, ele carece tomar consciência de que o ser humano é o criador dos valores, de que sua essência é à vontade de potência e, a partir desta, todos os valores são criados.

O autor propõe a transvalorização de todos os valores, preconizando a capacidade de criação, de invenção e de potência. Viver além de bem e de mal se converte para a emergência de um novo homem, designado por Nietzsche, de super-homem.

A questão, então, está além de quem é bom ou mau, e situa-se no desejo. Sonny e Viki, inventados pelo Dr. Lanning trazem sinais da dicotomia que envolve a moral e os super-homens. São a imagem e semelhança do devir de seu criador. O desejo e o raciocínio do computador central Viki é destruído. A idéia de ver o homem submisso e escravo não é bem vinda e não rende bilheterias. Moral e capitalismo se fundem.

Na revolução tecnológica de *Eu, Robô*, Sonny, com a ajuda de Spooner – orientado por Suzan, traz de volta a velha ordem, onde os humanos criam e regem as leis. Não há outra criatura capaz de ter este poder. Vencedor e perdedor vindos de uma mesma mente - Lanning. Spooner revê seus conceitos. A vida de Sonny é preservada e ele segue com sua missão, diga-se de passagem, programada pelo humano que o criou, que é liderar a nova revolução tecnológica que se anuncia, com tantos similares a ele espalhados pela face da Terra. Um ciclo concluído, outro que se inicia.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PLATÃO. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

SOCRÁTES. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

MARK, Laurence. PROYAS, Alex. **Eu, robô**. Produção de Mark Laurence, direção de Alex Proyas. Estados Unidos, 2004, 115 min. Son.

## NOTAS

1 Artigo apresentado na conclusão da disciplina Filosofia da Comunicação e Pensamento Contemporâneo, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco Menezes, pelo curso de pós-graduação – Doutorado em Comunicação Social PUC/RS, no segundo semestre de 2004.

2 Mestre e Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Professora e pesquisadora do Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo – RS/Brasil. Ministra aulas no curso de Comunicação Social, nas habilitações Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda; no Curso de Formação Superior em Gestão da Produção; e, no curso de Pós-graduação – Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação. Coordenadora do laboratório experimental de prática televisiva do curso de Comunicação Social. Coordenadora TV Feevale. (valeriadeluca@hotmail.com).

3 O filme é inspirado na obra homônima do escritor Isaac Asimov, que escreveu mais de 500 livros que englobam vários assuntos: religião, psicologia, medicina e ficção científica, este último por sinal, o tema que o deixou famoso. Em um dos seus livros, *Eu Robô*, Asimov formulou as três leis da robótica: 1. um robô não pode ferir um ser humano ou permitir que um ser humano corra perigo; 2. um robô deve obedecer às ordens de um ser humano, a menos que tais ordens estejam em conflito com a primeira lei; 3. Um robô deve proteger sua própria existência, contanto que isso não esteja em conflito com a primeira ou segunda lei. Asimov deixava claro, assim, que a máquina não veio para destruir e sim para cooperar e jamais venceria ou vencerá o homem. Prova disto é o fato de que seus heróis não têm feições de gente, são heróis de lata como se fossem engenhocas. *Eu, Robô* adota alguns personagens dos nove contos do livro de Asimov, lançado em 1950 e agora relançado pela Ediouro.